



## Época

- [Home](#)
  - [Aplicativos](#)
  - [Copa](#)
  - [Últimas Notícias](#)
  - [Nossa Missão](#)
  - [Princípios Editoriais](#)

• [Brasil](#)

**brasil** ◦ [Alberto Carlos Almeida](#)

Tamanho do texto

13/12/2010 - 11:45  
 Faça seu comentário | Leia os comentários | Compartilhe | Imprimir | RSS | Celular

13/12/2010 - 11:45  
 02/09/2010 - 18:45

## Araponga fala e envolve ex-senador

[Ciência & Tecnologia](#) Cadastre-se para ver do que seus amigos gostam.

◦ [Blog do Fucs](#)

◦ [Eugênio Buccì](#)

◦ [Felipe Patury](#)

◦ [Fernando Abrucio](#)

◦ [Guilherme Fiuza](#)

◦ [Roberto DaMatta](#)

Célio Arêas dá sua versão no caso do BNDES e diz que Odebrecht e Gilberto Miranda queriam as gravações

• [Cultura](#)

ALEXANDRE ◦ [Blog.Mente Aberta](#)

◦ [Luís Antônio Giron](#)

• [Mundo](#)

O grampo telefônico que em 1998 captou conversas entre o presidente Fernando Henrique Cardoso e alguns de seus mais graduados assessores econômicos voltou a falar. No ano passado, as gravações ilegais feitas nos telefones da presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) mancharam a privatização do Sistema Telebrás, que rendeu ao governo R\$ 22 bilhões e provocou a demissão do ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros, de seu irmão José Roberto, secretário de Comércio Exterior, e do presidente do BNDES André Lara Resende. A voz que está falando pelo grampo é a do agente de investigações Célio Arêas da Rocha, ex-fuzileiro naval que trabalha na Polícia Federal e foi do Centro de Informações do Exército. Se o país ainda vivesse sob o manto da repressão militar da ditadura (1964-85), dir-se-ia que é um porta-voz dos porões. Hoje, pode ser qualificado como um bem informado integrante do submundo da ilegalidade. Usando o aparato de órgãos como a Polícia Federal e a Agência Brasileira de Informações (Abin) - sucessora do Serviço Nacional de Informações dos militares -, ele e alguns amigos cujos nomes revela (ler entrevista abaixo) viviam de gravar telefonemas e vender as gravações e edições das fitas obtidas.

Ele já depôs à juíza Cláudia Valéria Fernandes, da 2ª Vara Federal do Rio de Janeiro. Contou muito. Entregou um dossiê à juíza. No papel, rabisca em forma de organograma um quem-é-quem da atividade ilegal do grampo telefônico no Rio. À parte, destacando os nomes em amarelo, descreve quem participou das gravações de telefonemas no BNDES. De acordo com sua versão: a Construtora Norberto Odebrecht e o ex-senador Gilberto Miranda, hoje negociador das dívidas do município de São Paulo. Segundo Rocha, a empreiteira estaria disposta a pagar entre R\$ 4 milhões e R\$ 6 milhões pelo resultado do grampo. Miranda, diz ele, "trabalhava para a Odebrecht" e foi o intermediário entre a empreiteira e Temilson Barreto de Resende, funcionário do escritório carioca da Abin. Resende, ou "Telmo", como o agente de informações é conhecido, procurou Célio Arêas da Rocha e ofereceu-lhe R\$ 100 mil para que ajudasse na operação. Juntos, os dois chegaram a participar de três reuniões. Rocha garante que não executou o serviço e já falou tudo isso para o general Alberto Cardoso, chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República e coordenador nacional da Abin. Temendo ser morto por quem acusa, está sob proteção da juíza Cláudia Valéria e participa do Programa Federal de Proteção às Testemunhas.

Waldecy Alves, investigador particular que ajuda a polícia fluminense em gravações autorizadas pela Justiça para esclarecer seqüestros ou outros crimes, será ouvido esta semana pela juíza. Ele confirma a versão de Célio Arêas da Rocha e é levado muito mais a sério pelos investigadores do caso. O delegado Rubens Grandini, da Polícia Federal, responsável pelas investigações sobre o grampo do BNDES, chegou a Waldecy Alves por indicação do detetive particular Bechara Jalkh. O detetive é uma espécie de decano da atividade no Rio.

Alves já conversou informalmente com Grandini, revelou também ter sido procurado por Temilson Resende para participar das gravações no BNDES. E contou mais. De acordo com ele, outro investigador particular, Adílson Alcântara de Matos, participou do assédio para que executasse a interceptação telefônica na sede do banco nos dias que antecederam o leilão da Telebrás. Waldecy Alves teme represálias, como Arêas Rocha, e vai pedir inscrição no Programa de Proteção às Testemunhas.

O envolvimento da Construtora Norberto Odebrecht nas denúncias do araponga Célio Arêas da Rocha é um ponto nebuloso. Pode ser uma manobra diversionista. A empresa não participou do leilão da Telebrás. Não estava associada - nem como minoritária - em nenhum dos consórcios vencedores ou perdedores daquela privatização. Nos últimos cinco anos, tenta lustrar a imagem poluída por diversas denúncias de corrupção entre os governos José Sarney (1985-90) e Fernando Collor (1990-92). "Isso é uma armação inominável", diz Roberto Dias, diretor da empresa. "Trata-se da versão de um meliante que diz ter sido convidado a fazer um grampo por outro meliante", afirma. "Se o nome da empresa foi usado por alguém assim, não há sequer o que explicar." Emílio Odebrecht, presidente da construtora, é amigo do presidente Fernando Henrique há 20 anos.

Já a revelação de Arêas Rocha sobre a intermediação do ex-senador Gilberto Miranda volta a colocar em destaque uma personalidade polêmica da política nacional. Miranda, sem mandato desde fevereiro, vive às turras com o governo federal desde 1995. A Receita Federal abriu uma dúzia de processos de sonegação contra suas empresas na Zona Franca de Manaus. Gilberto Miranda criou dificuldades para o Palácio do Planalto em 1995 ao relatar o projeto do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam), quando outro grampo telefônico captou conversas entre o embaixador Júlio César Gomes dos Santos, então chefe do Cerimonial da Presidência, e José Afonso Assumpção, dono da Líder Táxi Aéreo e representante da Raytheon, empresa americana que ganhou a concorrência do projeto Sivam. No ano passado, o ex-

senador também se viu envolvido no episódio de divulgação de um falso dossiê contra o presidente Fernando Henrique, o governador de São Paulo, Mário Covas, o ministro da Saúde, José Serra, e o ex-ministro das Comunicações Sergio Motta. De acordo com o papelório falsificado, os quatro tinham uma empresa no paraíso fiscal das Ilhas Cayman. "A história desse grampo do BNDES, envolvendo o nome de Gilberto Miranda, é falsa e mentirosa. Se a revista publicá-la, será processada junto com o jornalista que a escrever", disse o ex-senador a Época, por meio da secretária Cristiane.

Não é a imprensa que está chancelando com carimbos de relevância aquilo que diz o araponga Célio Arêas da Rocha. É o próprio serviço de informações do Palácio do Planalto. Ao chamar o investigador a Brasília para uma conversa privada, o general Alberto Cardoso, encarregado de organizar a segurança pessoal do presidente e coordenar os processos da Agência Brasileira de Informações, deu-lhe crédito. Cardoso ouviu tudo o que Arêas Rocha conta a Época nesta reportagem - inclusive as versões sobre a participação da Odebrecht e do ex-senador Gilberto Miranda no caso do grampo do BNDES. Recebeu uma cópia do dossiê entregue à juíza carioca em que se descreve um esquema de gravações no Rio. Depois, pediu a Célio Arêas Rocha que voltasse ao Rio e forçasse uma conversa com Temilson Resende na qual ele seria induzido a falar das gravações na sede do banco oficial. A conversa ocorreu no dia 26 de agosto, foi gravada e filmada pela Abin. O general tem uma cópia dessas fitas, mas, segundo Arêas Rocha, o araponga Temilson desconfiou da operação. "Ele não falou durante o almoço que fizemos no Pampa Grill", lamenta. Só no fim do encontro, quando os microfones e as câmeras de vídeo que os monitoravam já tinham dificuldades para captar sons e imagens, Temilson Resende falou de grampo: chamou o amigo para gravar telefonemas no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi).

Para fazer Célio Arêas Rocha falar e se dispor a servir de isca na gravação e filmagem de Temilson Resende, o general Alberto Cardoso contou com a ajuda dos advogados Nélio Andrade e Themístocles Faria Lima. Eles têm Rocha como cliente. Os dois convenceram o investigador a ir ao Pampa Grill e fazer a gravação. "Quando ele nos contou o que sabia, vimos logo que era uma bomba e tínhamos de levar o caso ao general Alberto Cardoso", diz Nélio Andrade, criminalista que trabalhou na defesa de vários policiais militares no julgamento da chacina de Vigário Geral. "A segurança do Célio Rocha está em risco", alerta. O araponga que resolveu falar teme ser assassinado, tem recebido ameaças por celular, não dorme mais em casa, está 24 horas por dia sob vigilância armada e só faz ligações por telefones públicos a cartão. Um dos denunciados que mais teme é João Guilherme Maia, chefe da Abin no Rio e amigo de Temilson. Segundo Rocha, o agente Temilson Resende não faria o grampo do BNDES sem o conhecimento de Maia - e João Guilherme Maia é chefiado pelo general Alberto Cardoso. "Já reuni documentos que provam que João Guilherme pediu duas vezes o afastamento de Temilson da agência - a primeira delas em fevereiro de 1997, muito antes desse grampo", diz José Carlos Tórtima, advogado do chefe da Abin no Rio.

A volta à ordem do dia da política nacional das gravações dos telefonemas dados e recebidos na presidência do BNDES é ruim para o governo. As conversas captadas foram mantidas nos dias que antecederam o leilão de privatização da Telebrás. Nelas, Fernando Henrique, Luiz Carlos e José Roberto Mendonça de Barros, André Lara Resende, os economistas Persio Arida e Elena Landau e um ex-diretor do Banco do Brasil conversavam sobre a formação dos grupos para o leilão. As fitas com edições dessas conversas chegaram às mãos do presidente por meio do empresário Carlos Jereissati, sócio do Grupo La Fonte. Ele queria provar o favorecimento do governo ao Banco Opportunity, que tinha Arida como sócio. O banco disputou a Tele Norte-Leste (hoje Telemar) com o consórcio liderado por Jereissati. Perdeu. Mesmo assim, e precisando da ajuda do BNDES para pôr de pé sua estratégia financeira de investimentos no novo negócio, Carlos Jereissati puxou o fio da denúncia de grampo na sede do BNDES. Até hoje o governo segue dando explicações. Tudo indica, vai continuar dando. A não ser que a saída das sombras de arapongas como Arêas mude o curso da novela.

## Perfil Gilberto Miranda

### Amigo de dossiês

O ex-senador, hoje sem mandato, envolveu-se no caso do grampo do Sivam (1995) e no falso papelório que seria o Dossiê Cayman (1998). Passou quatro anos (1995-99) sob investigação pela Receita Federal por suas atividades na Zona Franca de Manaus. É considerado um "inimigo mortal" do Palácio do Planalto.

## Perfil Alberto Cardoso

### Segurança institucional

O general foi nomeado chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência na última quinta-feira. Perdeu o status de ministro, mas ficou no Planalto e continua coordenando a Agência Brasileira de Informações (Abin). O remanejamento não tem relação com o que o investigador Arêas Rocha tem falado sobre a Abin e o grampo do BNDES.

## ENTREVISTA

### O grampeador sai das sombras

#### Agente convidado a participar das gravações ilegais no BNDES teme ser assassinado

O agente de informações Célio Arêas Rocha está escondido e sob proteção judicial. Em diversos telefonemas falou a Época sobre o caso (alguns trechos da entrevista também foram gravados pela revista Istoé) e deu sua versão:

**Época:** O agente Temilson Barreto de Resende, o Telmo, da Agência Brasileira de Informações (Abin), ligada ao Palácio do Planalto e coordenada pelo general Alberto Cardoso, participou do grampo no BNDES?

**Célio Arêas Rocha:** Dei um depoimento à Justiça sobre isso, muito rico em detalhes. Tenho intimidade com o assunto. Quero acrescentar algumas coisas que não sei se disse em juízo: o Telmo comentou que teria cartas na manga. As cartas podem ser documentos que ele e João Guilherme (João Guilherme Maia, chefe da Abin no Rio) tiveram acesso ou as fitas originais (do BNDES) que ainda podem servir para

chantagem.

**Época:** Telmo fez outros grampos?

**Rocha:** Se você pegar o reverso das contas telefônicas detalhadas dele e do major Barros (Divany Carvalho Barros, ex-agente do SNI), vai ver que têm contato estreito com a Odebrecht, com a Itapemirim, com o Chase Manhattan Bank, com o capitão Guimarães (o bicheiro Aílton Guimarães, que serviu no DOI-CODI no regime militar) e outros, como o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi). O Inpi está gravado numa fita de áudio que a Abin fez comigo aqui no Rio (a Abin filmou e gravou um encontro entre Arêas e Telmo no restaurante Pampa Grill em 26 de agosto).

**Época:** Qual a participação do engenheiro civil Nelsino Drozszak da Silva nesses grampos?

**Rocha:** O Nelsino é uma espécie de boy de confiança do Telmo, fala inglês fluentemente como Telmo. O irmão dele, Beto, é engenheiro de telecomunicações e ajuda Telmo nos grampos.

**Época:** Qual a participação de João Guilherme Maia nesses grampos?

**Rocha:** Ele sabe de todas as atividades do Telmo e nada que ele tenha feito seria possível sem o aval do chefe. Os dois fizeram cursos juntos, até na China.

**Época:** Como Telmo e seu grupo usaram cópias das fitas do BNDES?

**Rocha:** Suponho que na gravação eles tenham ficado com as originais. Só as cópias editadas vão para os clientes.

**Época:** Quem financiou o grampo?

**Rocha:** Isso Telmo não me contou. Quando ele me convidou, disse que teria um trabalho no BNDES, mas não falou em presidente nem em mandantes.

**Época:** Mas num dossiê que o senhor entregou à Justiça cita os nomes da construtora Odebrecht e do ex-senador Gilberto Miranda como pontos de partida para a operação.

**Rocha:** Sei que o ex-senador Gilberto Miranda teria contactado o major Barros, que faz serviços de grampo para a Odebrecht. E Gilberto Miranda já viajou com Telmo. Fala-se de um tal Gilberto, ou Joubert, que teria viajado com Telmo para Tóquio. Então supõe-se que seja esse mesmo cara para quem o major Barros carregou mala. O major Barros não fala inglês, é um boçal. Faz serviços para o capitão Guimarães há muitos anos e presta serviços para a Odebrecht há anos.

**Época:** Como provar isso?

**Rocha:** Só por meio dos reversos das contas telefônicas detalhadas de Barros para Telmo, de Telmo para Barros e de Barros para a Odebrecht.

**Época:** O senhor trabalhou para o major Barros?

**Rocha:** Trabalhei quase ano e meio.

**Época:** Acusá-lo é vingança?

**Rocha:** Não. É só pegar as contas telefônicas dele. Os fatos falam por si. Basta analisar as ligações que fez do celular e do telefone da casa dele e verá com quantas pessoas importantes ele fala. É preciso verificar as viagens que ele fez para Nova York. Ele tem contrato com a Odebrecht e com o capitão Guimarães. Eu temo por minha vida por causa do capitão Guimarães.

**Época:** Que trabalho o senhor fazia na empresa do major?

**Rocha:** Era um atendente de telefone de luxo. Grandes empresas contatavam o Barros.

**Época:** Ele pedia ao senhor para fazer grampos?

**Rocha:** Não. Quem fazia isso era o Adilson (Adilson Alcântara de Matos, ex-cabo e integrante do Centro de Informações da Marinha).

**Época:** Por que o senhor demorou para dizer essas coisas?

**Rocha:** Tentei entregar o dossiê que fiz para a Justiça inúmeras vezes ao Gerci (Gerci Firmino da Silva, coordenador-geral de operações da Abin) e ele sempre dizia que não, que no momento certo o general Cardoso iria fazer questão de recebê-lo.

**Época:** A Abin retardou a investigação do grampo?

**Rocha:** Há provas.

**Época:** Existem fitas ou outras provas que mostram a participação de Telmo, major Barros e Nelsino em operações de grampo?

**Rocha:** Não. O que eu tinha entreguei ao general Cardoso.

**Época:** Você se sente protegido?

**Rocha:** Muito. Tenho muita cautela, muitas armas, uma estrutura muito grande. Isso, de proteção às testemunhas, é novo no Brasil. Só tinha na Itália e nos Estados Unidos. É uma medição de forças: de um lado, Polícia Federal e Procuradoria. De outro, a Abin.

**Época:** Você é ameaçado pela Abin?

**Rocha:** Estou sendo rastreado por eles. O Telmo está solto e usa a Abin.

**Época:** A última vez que você viu Telmo foi no dia 26 de agosto?

**Rocha:** Foi. Ele comemorava o relatório do delegado Grandini.

## Serjão - boato confortável

### Em Brasília e no Rio, circula a versão de que Motta encomendou grampo

O ex-ministro das Comunicações Sergio Motta, morto em abril de 1998, cegava-se com a idéia de ser o escudeiro do governo de Fernando Henrique. Empresário, amigo de 30 anos de FH e dono de uma língua que falava o que queria, era o responsável pela privatização da Telebrás. Não viveu para executá-la, mas temia que ela fosse desmoralizada por denúncias de favorecimentos.

Uma versão chegou ao Planalto como boato: Sergio Motta encomendara o grampo do BNDES para se

precaver, morreu sem pagar pelo serviço e os arapongas privatizaram o grampo. É uma versão confortável, pois o protagonista morreu, mas o estilo de Motta dá a ela ares de verdade.

## Câmara

### Um traficante acusa

Preso no Maranhão, caminhoneiro vai depor em CPI e diz que Augusto Farias era sócio de Hildebrando

A CPI do Narcotráfico recebeu na sexta-feira 24 novas acusações de envolvimento de políticos com o crime organizado. O material foi enviado pela Secretaria de Segurança Pública do Maranhão. São seis depoimentos de Jorge Alves de Almeida, preso em São Luís (MA), acusado de roubo de cargas e tráfico de drogas. Esta semana ele será convocado pela CPI. "Combinei com os deputados e vou levá-lo a Brasília para depor nos próximos dias", diz o secretário de Segurança, Raimundo Cutrim.

Almeida denuncia um esquema que uniria o deputado federal Augusto Farias (PPB-AL), o ex-deputado Hildebrando Pascoal (ver reportagem sobre sua cassação à pág. 34) e o deputado estadual maranhense José Gerardo (PTB). Segundo ele, Hildebrando fornecia armas e drogas para ser distribuídas no Maranhão e em Alagoas. O preso vem sendo interrogado há um mês na Corregedoria da Polícia Civil do Maranhão. Contou em detalhes como funcionaria uma quadrilha de roubo de cargas e caminhões. Nos dois últimos interrogatórios, acusou os políticos. Disse que trabalhava como segurança de um advogado paulista envolvido com os crimes. Com esse advogado, teria conhecido Hildebrando, Farias e José Gerardo. "O grupo comandava o crime em vários Estados havia mais de dez anos", afirmou.

Em um dos depoimentos que chegaram à CPI, Almeida disse que participou de uma reunião na qual os três parlamentares teriam decidido "frear as investigações" que estariam sendo feitas pelo delegado da Polícia Civil Stênio Mendonça. Teria sido uma ordem para matar o delegado. Mendonça foi assassinado no dia 25 de maio. Todos os acusados negam envolvimento. Augusto Farias diz que não conhece Jorge Almeida e negou qualquer ligação com Hildebrando. "Votei pela cassação dele", diz. Os advogados de Hildebrando alegam que ele não tem contato com o crime organizado. José Gerardo garante que nunca viu Almeida.

### Gustavo Krieger e Leandro Fortes

[Tweet](#) [Compartilhe](#) [Curtir](#) [Cadastre-se para ver do que seus amigos gostam.](#)

[Faça seu comentário](#) | [Leia os comentários](#) | [Compartilhe](#) | [Imprimir](#) | [RSS](#) | [Celular](#)

◀ **destaques** - clique nas setas para ver mais destaques

mais destaques ▶

INTELIGÊNCIA

EDUCAÇÃO

FELICIDADE

ESTATISMO

Como a idade faz  
nosso cérebro

A lição digital

O mito da felicidade

675 empresas estão  
na órbita do governo

**Ops!**  
página não encontrada

buscar

**globo.com**

Assine Época

Assine PEGN

Assine Época

Assine Marie Claire

Assine Época NEGÓCIOS



por 1 ano

**10x de R\$ 32,90**

por 1 ano

**6x R\$ 23,26**

escolha o seu brinde

**APROVEITE!**

por 1 ano

**6 x R\$ 19,26**

por 1 ano

**6x de R\$ 23,26**

- **Seções**

- [Brasil](#)
- [Ciência & Tecnologia](#)
- [Cultura](#)
- [Mundo](#)
- [Negócios](#)
- [Saúde & Bem-Estar](#)
- [Sociedade](#)
- [Todas as notícias](#)

- **Especiais**

- [Prêmio ÉPOCA Empresa Verde](#)
- [GPTW](#)
- [Essa é nossa!](#)

- **Colunistas**

- [Alberto Carlos Almeida](#)
- [Bruno Astuto](#)
- [Cristiane Segatto](#)
- [Danilo Venticinque](#)
- [Eliane Brum](#)
- [Eugênio Bucci](#)
- [Felipe Patury](#)
- [Fernando Abrucio](#)
- [Gustavo Cerbasi](#)
- [Isabel Clemente](#)
- [Ivan Martins](#)
- [Jairo Bouer](#)
- [Luís Antônio Giron](#)
- [Marcio Atalla](#)
- [Paulo Guedes](#)
- [Roberto DaMatta](#)
- [Ruth de Aquino](#)
- [Wilfredo Schürmann](#)